



Festa em Paracuru

Uma programação intensa marca a festividade dos 50 anos de Paracuru. Apresentações, shows e atividades culturais começam já no próximo sábado, 17. No dia do aniversário, na quinta-feira, 22, bandas locais fazem a festa.

3



Navegar é preciso

A Baía de Camamu (BA), a 365 quilômetros de Salvador, é o paraíso sugerido pelo velejador Walter Garcia (na foto, de camisa branca). Ele convida internautas para navegarem no site Veleiro Repórter (www.noolhar.com/veleiroreporter), lançado oficialmente hoje.

e-mail: turismo@opovo.com.br

turismo

OPOVO FORTALEZA-CE, QUINTA-FEIRA, 15 de novembro de 2001 - Ano V - Nº 226

<http://www.opovo.com.br>

JAPÃO

Na rota do sol nascente

Milhares de turistas são esperados no Japão para a Copa do Mundo no próximo ano. Mas o país tem muito mais do que futebol para atrair os visitantes. Confira o roteiro que inclui Tóquio, Kyoto e Hiroshima

Denise Chaves

fraseada no Japão*

É longe, o custo é alto e o idioma é difícil. Mas uma viagem ao Japão compensa totalmente o investimento e o esforço de quem decide mudar de hemisfério e atravessar o oceano Pacífico para conhecer a vida no Oriente, neste arquipélago cheio de atrações imperdíveis que é o Japão.

Cada vez mais pessoas estão visitando o país: foram 4,7 milhões de estrangeiros somente no ano passado, entre eles 16.953 brasileiros. O número exclui os dekkasseguis, pessoas que viajam para trabalhar. "Em 1990, cerca de 75 mil brasileiros viajaram ao Japão, mas os dekkasseguis entravam na estatística", explica o diretor da divisão de Assuntos Gerais da Organização Nacional de Turismo, Hidenao Takizawa.

Para o próximo ano, a grande aposta das operadoras, hotéis e instituições de turismo japonesas é a Copa do Mundo, que deve levar pelo menos 400 mil pessoas ao país (em conjunto com a Coreia, a outra sede do Mundial, a estimativa é de 1 milhão de turistas estrangeiros). Mas há muito mais para ver no Japão do que os jogos de futebol. Um roteiro interessante incluiria a moderna capital Tóquio, a tradicional Kyoto e a histórica Hiroshima.

Estar em Tóquio é como entrar dentro de um vídeo-game. A cidade é cheia de luzes, os prédios são forrados de letreiros de neon e televisões gigantes e há música em toda a parte (do tipo dessas que tocam em celular): para avisar que o metrô está saindo da estação, ao abrir ou fechar uma porta, música até nos vasos sanitários (para distarçar os ruídos, os japoneses são discretos até nisso!).

Para quem não está acostumado com grandes cidades, a quantidade de pessoas na capital impressiona: 11 milhões dos 126 milhões de habitantes do país vivem em Tóquio. Essa é uma das razões para que a cidade esteja sempre movimentada: as ruas ficam cheias até tarde da noite e há total segurança para que um turista possa sair de táxi, de metrô ou mesmo a pé sem medo de ser assaltado. A noite em Tóquio é famosa pelo bairro Roppongi, onde se concentram os turistas e a maior parte dos bares da cidade (inclusive restaurantes brasileiros que tocam samba e axé). Porém também vale uma visita noturna à Shinjuku, onde as lojas ficam abertas até tarde. Durante o dia, pode-se passear pelos jardins do Palácio Imperial, mas a visita ao interior do prédio só é permitida duas vezes ao ano: no aniversário do imperador e no dia 2 de janeiro, para cumprimentá-lo pelo ano novo.

Kyoto é Tóquio ao contrário (escrito em inglês, basta trocar as sílabas To-kyo para Kyo-to). Mas não somente pelo nome, o fato é que o excesso de luzes e movimento em Tóquio contrasta com a tranquilidade dos jardins e templos de Kyoto. A cidade foi a capital do Japão do ano 794 até 1867 (mais de mil anos).

Os templos estão para Kyoto como as igrejas para Salvador: há milhares deles pela cidade. Mas se você tiver tempo de visitar apenas um, escolha o Kinkaku (Pavilhão Dourado), nome popular para o templo Rokuon-ji, patrimônio cultural da humanidade desde 1994. É uma construção de três andares, erguida a partir de 1397, com paredes cobertas de ouro, à margem de um lago incrivelmente bonito (e cheio de carpas), rodeado por jardins estonteantes.

É sem dúvida uma das visões mais belas do mundo e a tranquilidade só é atrapalhada pela enorme quantidade de turistas que o visitam.

Infelizmente, não é permitida a entrada no templo, mas os turistas podem participar de uma tradicional cerimônia do chá numa casa em meio ao magnífico jardim. Na cerimônia, é preciso ajoelhar-se (na verdade, sentar-se sobre as próprias pernas) no tatame e abalçar a cabeça em agradecimento quando a bebida é servida por mulheres vestidas com quimonos. Primeiro, deve-se comer um doce feito de feijão e, em seguida, beber o chá verde - extremamente amargo - segurando o recipiente com as duas mãos (usar uma mão apenas seria falta de respeito).

Para completar a imersão num mundo oriental cheio de rituais e tradições, visite o Castelo Nijo (Nijo-jo), construído de 1603 a 1626 como residência para os shoguns, chefes do poder naquela época. É também patrimônio cultural da humanidade desde 1994. Numa área de 275 mil metros quadrados, as construções ocupam 73 mil metros quadrados e o visitante pode conhecer os amplos cômodos, que não tinham mobília, onde os shoguns vivam com suas esposas (três ou mais) e faziam reuniões com seus ministros. Nas audiências com senhores feudais, estes não eram autorizados a falar ou olhar diretamente para o shogun, tendo que fazê-lo por meio dos ministros, embora estivessem todos na mesma sala. Outra curiosidade é o chão de madeira na entrada do castelo, chamado de Uguisu-Bari: ele se move suavemente para baixo quando alguém pisa e provoca um ruído (frieção dos pregos com a madeira), suficiente para alertar os guardas sobre a presença de estranhos que ameaçassem a vida do shogun.

Mesmo os belos cenários de Kyoto não conseguem superar a emoção de visitar Hiroshima. A primeira cidade no mundo atacada pela bomba atômica, em 1945, está totalmente reconstruída mas decidiu não apagar o passado. Ao contrário, construiu na região mais atingida o Parque da Paz e um museu para contar a todos os seus visitantes a tragédia, na intenção de que nunca mais o mundo opte pela bomba atômica - ou qualquer outra arma - para resolver conflitos.

Impossível ficar alheio à exposição de objetos destruídos pelo calor e radiação, de vídeos e fotos mostrando o momento da explosão e as vítimas tentando se livrar dos escombros, dos relatos sobre os problemas de saúde que ainda atingem a terceira geração pós-bomba. Entre as 222 mil vítimas (desde 1945 até hoje) estão os pais do diretor do museu, Yasuhiro Yamamoto. Ele estava nos Estados Unidos no dia 11 de setembro deste ano, data dos ataques terroristas. "Condene os ataques aos Estados Unidos e também ao Afeganistão. O prefeito de Hiroshima e a população pensam o mesmo. Nós já nos recuperamos, agora só buscamos a paz", diz, mostrando as 579 cartas expostas no museu escritas pelo governo da cidade aos chefes de Estado todas as vezes que se fazem testes com armas nucleares. A mais recente é de 20 de setembro de 2001 e está endereçada a George W. Bush.

Depois de relembrar momentos dramáticos, um passeio pelo parque florido, seus monumentos à paz e seus rios cheios de peixes traz de volta a alegria: a nova Hiroshima é uma cidade cheia de vida.

Leia mais na 2 e 3

*A repórter viajou a convite do Japan Foreign Press Center

Japonês não conhece o Brasil

Dos mais de 17 milhões de japoneses que viajaram pelo mundo no ano 2000, seja a lazer ou a negócios, somente 41 mil escolheram visitar o Brasil. Pesquisa indica o interesse de japoneses por turismo ecológico sem dispensar o conforto e o luxo

Pouco se conhece do Brasil no Japão. Essa é uma das razões para que o número de visitantes japoneses não seja expressivo, apesar das belezas naturais brasileiras. Segundo Hidenao Takizawa, diretor da Organização Nacional de Turismo daquele país, 17,8 milhões de japoneses viajaram ao exterior no ano passado e pouco mais de 41 mil deles escolheram o Brasil como destino (incluindo as viagens de negócios e visitas a parentes).

“Para vender um destino de lazer é preciso propaganda em TVs e revistas”, explica Takizawa. Ele dá um exemplo de um programa de TV apresentado há sete anos no Japão sobre a Jamaica. Com o interesse da popu-

lação, uma operadora se aliou à companhia aérea All Nippon Airways (ANA) para oferecer pacotes de viagens ao Caribe. “O Brasil precisa apostar mais na propaganda em TV e revistas femininas, já que as mulheres japonesas estão se tornando mais independentes e procuram programas de lazer.” Em 1970, apenas 22,4% dos japoneses que viajavam ao exterior eram mulheres. Em 1999, esse percentual já era de 46,8%.

Takizawa viveu durante quase 11 anos no Brasil, fala português fluentemente, e conta que mais de uma vez já foi solicitado à Embratur que abra um escritório no Japão para atrair mais turistas ao País. Em 1996, quando foi comemorado o centenário da

amizade Brasil-Japão, a Embratur convidou 11 operadoras turísticas japonesas para visitar São Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas, Pantanal e Foz do Iguaçu. “Também o setor privado deveria investir em escritórios em Tóquio”, considera.

Segundo uma pesquisa do Japan Travel Bureau, os japoneses que viajam para a América do Sul estão em busca de ambiente de selva, como o Pantanal e o Amazonas. Mas nem por isso dispensam luxo. Como são turistas de uma faixa etária mais alta e com alto poder aquisitivo, somente aceitam hotéis de quatro ou cinco estrelas, restaurantes sofisticados e lojas de *griffe* nacionais

e internacionais. Essa infraestrutura se encontra em poucas cidades brasileiras.

Outra barreira é o fato de que as operadoras japonesas não mantêm guias no Brasil, como o fazem nos Estados Unidos e Europa. “Elas dizem que não vale a pena e assim sai caro para turistas japoneses contratarem um funcionário só para isso.” (Denise Chaves)

TURISTAS

Japoneses no Brasil

1996	48.474
1997	39.194
1998	38.143
1999	41.814

Fonte: Org. Nacional de Turismo no Japão

Paraíso das compras

Para os aficionados por novidades tecnológicas, Akihabara é um paraíso. Este bairro de Tóquio concentra as maiores lojas de eletrônicos, de todas as marcas e preços. Como a indústria japonesa lança pelo menos um novo modelo de celular por mês, os telefones estão em todas as vitrines. Mas antes de se empolgar com eles, confira antes se a operadora telefônica no Brasil oferece todos os serviços que o aparelho suporta, senão será perda de dinheiro.

A oferta também é grande de câmeras fotográficas digitais, *walk man* exclusivos para MP3 (arquivos de música copiados pela Internet) e brinquedos modernos como o Aibo (as letras A e I se referem, em inglês, à inteligência artificial. Ibo, em japonês, quer dizer amigo). Produzido pelo Sony, o Aibo é um simpático cãozinho robô, cujo público consumidor está concentrado em homens na faixa dos 30 anos que moram sozinhos. Custa 98 mil ienes (cerca de R\$ 2,5 mil) e ainda

assim foram vendidas, à época do lançamento, três mil unidades em 20 minutos.

Para presentes mais modestos, porém tradicionais, há uma enorme variedade de bonequinhas japonesas em miniaturas e chaveiros (cerca de R\$ 10 cada), bonecas maiores para enfeite de mesa (podem custar até R\$ 230), além de imitações de quimonos (de R\$ 70 a R\$ 120, aproximadamente). Os melhores lugares para comprar estes produtos típicos estão em Kyoto, na rua que dá acesso ao templo Kiyomizu. Em Tóquio, há várias lojas semelhantes na entrada do templo Asakusa e outra alternativa, de preço bastante razoável, é a loja Oriental Bazaar, no bairro Harajuko. Centros de compras interessantes também estão nos bairros Shinjuku e Shimbuya, na capital. Com mais dinheiro disponível, vá até Ginza, onde ficam as lojas mais elegantes de grifes de roupas, jóias e acessórios do mundo todo. (DC)

DICIONÁRIO

Português	Japonês (romanizado)	Pronúncia
Sim	Hai	Rái
Não	Iie	Iiê
Bom dia	Ohayo gozaimasu	Ôrráio gôzáimás
Boa tarde	Konichi-wa	Cônitchi uá
Boa noite	Konban-wa	Cômbā uá
Obrigado (a)	Arigato gozaimasu	Arigatô gôzáimás
De nada	Do itashmashte	Dô itáchimáchitê
Muito prazer	Hajimemashte	Rádjimémáchitê
Por favor	Kudasai	cudasái
Com licença	Sumimasen	Sumimasên
Desculpe	Gomen nasai	Gômênasái
Arroz	Gohan	Gôrrā
Água	Mizu	Mizú
Onde fica o banheiro?	Toire wa doko ni arimasu ka	Tôire uá dôko ni arimás cá
Por favor, me traga um garfo	Fooku o motte kite kudasai	Fôocu ô móte quite cudasái

Entre sushis e sashimis

Não é preciso gostar de comida japonesa para visitar o Japão. A oferta de restaurantes nas principais cidades abrange os cardápios italiano, chinês, mexicano e outros familiares ao paladar brasileiro. Mas é claro que, estando lá, vale a pena provar os pratos típicos (esforço para alguns, deleite para outros), extremamente balanceados e saudáveis. Sushi e sashimi, tão populares no Brasil, não são o arroz-com-feijão dos japoneses. Melhor seria o macarrão, legumes e o arroz, quase sem tempero, servido até mesmo no café-da-manhã. As carnes vermelhas são geralmente preparadas com molho adocicado, mas o frango e peixe fritos (pensou que eles só comiam peixe cru?) são bastante semelhantes aos servidos no Brasil.

Para a sorte dos ocidentais, os restaurantes japoneses têm vitrine. Lá ficam expostos os pratos servidos, em réplicas de cera ou plástico, exatamente no tamanho da porção oferecida e

todos com preço. Mesmo os cardápios escritos unicamente em japonês contam com fotos e não é nenhuma vergonha mostrá-las ao garçom para fazer o pedido, ou mesmo arrastar o garçom para apontar na vitrine o que você deseja comer (a vitrine é feita para isso mesmo).

Antes da refeição, geralmente é servido um copo de água gelada para cada pessoa e não é preciso pagar. Os japoneses costumam beber chá (antes, durante e depois da refeição), mas você pode preferir refrigerantes, sucos, saquê (de todos os preços e marcas) ou cerveja (as melhores são Asahi e Sapporo).

Se estiver com pressa, passe num supermercado ou mercearia para comprar uma Obento Box, caixinha com uma refeição completa: arroz, salada, legumes, alguma carne e, às vezes, fruta. Custam de 500 a 800 ienes (de R\$ 12 a R\$ 18). Outra ótima pedida é a cadeia de fast-food Lotteria, que serve um incrível hambúrguer de camarão. (DC)



Vitrine de restaurante: réplicas dos pratos para ajudar turistas

